

O dia em que chutei a bola

ALEXANDRE DE BRITO ALVES

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

O dia em que chutei a bola

Alexandre de Brito Alves

Sem dúvida, jogar futebol era a minha diversão preferida entre as brincadeiras de infância, em Bragança, uma cidade no Nordeste do Pará. Bastava iniciar as tardinhas que um grupo de moleques sem camisetas se reunia na rua 13 de Maio a fim de começar os preparativos para as partidas. Jogávamos num campinho de poeira denominado Vila Alencar. Tínhamos o hábito de ir mais cedo, entre 13 e 14 horas, porque a partir das 16, os grandalhões chegavam e nos expulsavam. Então, por isso, aproveitávamos o maior tempo possível no campo. Às vezes, eles não apareciam e a gente ficava jogando até a noitinha.

Eu era zagueiro, pois era desprovido de habilidade. O pessoal gritava para eu chegar firme nos atacantes. Quando me arriscava ao ataque e fazia um gol, o pessoal dizia: “Até o Aleixo fez gol”. Nosso time não era tão bom. Jogávamos Fábio, Neilton, Kale, Cheiro, Gordo, Pelado e eu — todos bem ruinzinhos, exceto o baixinho Neilton, que corria demasiado com a bola grudada nos pés e dava muito trabalho aos adversários. Nós pegávamos muitas goleadas, porém, vez ou outra, ganhávamos de algum time relativamente forte. Quando isso acontecia, era uma festa e passávamos o resto da semana falando do feito.



Em um dia qualquer, fomos jogar apostado com os moleques doutra rua. A partida valia dez contos. Bom, eu fiquei lá em minha posição, aguardando os atacantes virem para eu despachar a bola. Lá vinha um correndo atrás dela, não contei conversa, zaguerei. Soquei o pé na branquinha para bem longe. Olha o azar! Havia um ônibus parado na rua. *Pei, braaaaaaaaaaaa!* O vidro lateral do veículo se espatifou ao chão. Após isso, só me lembro de olhar para não sei aonde e correr, correr e correr. Pensava que estava sozinho, contudo, um lagarteiro se formou atrás de mim. Eram muitos moleques correndo, desesperados para fugir do flagra. Eu ainda ouvi dizerem: — Pega a bola!

Noutro dia todos os garotos ficaram comentando que o proprietário do veículo queria me pegar. Diziam que ele foi me catar no bairro para eu pagar o prejuízo. Eu fiquei três meses sem colocar o pé no Alencar. Mas nada me ocorreu. Tudo era válido para evitar uma surra de corda do meu pai.



Ilustrações de Agnes Antonello

Sobre o autor

Alexandre de Brito Alves é professor de ensino fundamental, na rede pública do município de Ipixuna, no Nordeste do estado do Pará. É formado em história pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Também tem mestrado em sociologia e antropologia pela mesma instituição. Nasceu em Belém em 1987, porém, ainda muito pequeno, foi deslocado para Bragança, cidade onde reside até hoje. Vez ou outra escreve contos, artigos, ensaios e crônicas como terapia.